

Encontro Com o Pastor (X)

Família, Comunidade de Vida e Amor, Destinada à Educação - Nova Situação, Pastoral Renovada

O Sr. Arcebispo Metropolitano dedicou sua alocução semanal dos sábados, transmitida pela Rádio Nove de Julho, às 17,30 hs., a vários problemas da vida e pastoral da família. Eis a sua íntegra:

"Meus amigos,

Católicos, Cristãos, Homens que procuram a Deus e que seguem a sua consciência na busca da Verdade e do Bem.

Boa Tarde!

Nenhuma grande sociedade sobrevive a não ser que receba de comunidades menores, que a constituem, ideais e meios eficazes de concretizar os mesmos ideais. É essa uma das grandes lições da História da nossa civilização. Mesmo naquelas sociedades em que o cristianismo ainda não conseguiu penetrar como fermento ativo de todos os setores da vida, a Família é considerada fonte de renovação e, por isso, base e esteio de comunidades intermediárias. Enquanto ela se conserva indissolúvel, enraizada na Religião e na estima dos Homens, a sociedade costuma desenvolver-se controlada e pacificamente.

Uma vez que vemos as sociedades hodiernas tão descontroladas e tão carentes da verdadeira paz, não teríamos, então, motivos para voltarmos o olhar à Família, à nossa família? Todos os meus ouvintes estão convencidos de que esta família, instituída por Deus, e santificada pelo Sacramento, não é apenas a fonte biológica da geração, mas, igualmente, fonte psicológica, cultural e religiosa para a vida toda e para a adaptação desta vida ao ritmo novo do desenvolvimento da Humanidade.

Esta luta que aí está, a favor ou contra o divórcio poderia desviar a nossa atenção do que é essencial. O que importa mesmo é concentrarmos todas as forças positivas desta hora na construção segura de lares, de forma a capacitá-los a enfrentarem a vida como ela se apresenta, no ano de 1971.

1. Família, Comunidade de Geração

Os autores sagrados, por duas vezes, apresentam a árvore genealógica de Jesus, e, muitas vezes, fazem alusão à sua descendência de Davi, de Abraão. Lembram que Ele é o novo Adão. Colocam, portanto, a geração do Cristo dentro do seio de uma família.

É claro. Acentuam, mesmo aí, haver laços muito mais importantes que os do sangue (cf. Rom 4.5.9).

Não resta, porém, dúvida alguma que o matrimônio e a família estão intimamente ligados a todo o Plano de Salvação e de Paz, e se revelam mais necessários à existência e à natureza dos homens do que todas as demais instituições humanas. A criança é, de fato, o fruto e a continuação da vida do pai e da mãe, além de ser, para todas as gerações, a lembrança e a imagem de Deus, que nela se torna visível. Subestimar a geração é necessariamente subestimar a própria essência e desígnio do Pai eterno, que se revela sempre de novo, como fonte primeira de todo amor e de toda geração.

2. Família, Comunidade Econômica

A família, no entanto, vive dentro de uma realidade muito concreta, e é por isto que tais condições influem por vezes decisivamente na vida e na tarefa das famílias.

A Humanidade sonhou, desde as suas origens, com uma comunidade econômica perfeita. Jamais chegou a realizá-la e jamais chegará a fazê-lo. A única comunidade que poderá atingir um grau ideal de realização econômica é a família. Só nela, ou em pequenas sociedades que a ela mesma se assemelhem, pode dar-se a troca intensa de bens e de serviços, não em base comercial, mas, na base do amor. Cada qual dá quanto pode e recebe quanto precisa.

Será que também isto é utopia? Ou é experiência consoladora que nós mesmos atestamos ao longo de nossa vida? Para que exista tal comunidade econômica é preciso que se crie um clima de contínuo crescimento, de capacitação progressiva, e de relacionamento pessoal sempre mais harmonioso. Não seria, então, o caso de todas as nossas instituições contribuírem para este desenvolvimento econômico da família, e, assim, venceram o egoísmo individual e coletivo, que campeia, neste momento, em que procuramos rumos novos para a nossa grande sociedade economicamente desenvolvida. Todos os esforços, no entanto, acabarão por perder-se como água na areia, se não fixarmos nossas atenções sobre a Família.

3. Comunidade de Alma e Espírito

Como é importante em nossa vida termos tempo e condições para a troca de idéias, convicções: Enfim, para cultivarmos a sensibilidade, que tanto valoriza a vida e as realizações do homem. Não há, porém, companhia alguma que consiga criar clima de comunhão igual ao que a família propicia: participar nas alegrias, nas dores e nos êxitos: Isto só é possível, quando existe amor, confiança e respeito. A união dos esposos, preconizada pelo Gênesis, cap. 2, e, depois, com ênfase por S. Paulo, na Epístola aos Efésios, cap. 5, transmite-se aos filhos e, de certa forma, a todos os parentes. Não há quem não descubra, nesta hora, que vida, amor, fecundidade e comunhão, no seio da família, são decorências da vida, amor, fecundidade e comunhão, no seio de Deus. De fato, a família chega a transformar-se numa pequena Igreja, segundo a expressão de S. João Crisóstomo, ou seja, igreja doméstica, em que a fé, a caridade e o culto se desenvolvem em clima quase espontâneo. Se esta fé, ancorada em Deus, chega a exprimir-se numa fidelidade total de uns para com os outros: se este amor puder revelar-se como doação, e não apenas como gozo; se este culto, que é relacionamento com Deus, se transformar em respeito e participação, podemos assegurar que a família continuará unida, apesar de todas as dificuldades ou comoções das sociedades maiores. Temos até a certeza de que, nesta ho-

ra, tanto os esposos quanto os filhos se tornarão mensageiros, arautos da fé, do culto e do amor para além das fronteiras da própria família. Sua vivência cristã autêntica fará deles ministros da palavra, liturgos do lar, servos que saem engrandecidos e confortados de todas as missões da vida. A mais eficiente escola para o apostolado leigo se encontra lá onde a família é realmente família (LG, 35). Tudo isto, no entanto, não passa de palavreado, se a família não se transformar em

4. Comunidade Educacional

Até as tribos mais primitivas instituem formas, e até verdadeiros certames, para a educação da moça e do rapaz que assumem a tarefa de constituir família. Não exageramos, pois, ao estabelecermos que, numa civilização desenvolvida como a nossa, as escolas, os ginásios e colégios, os movimentos de jovens nossos cursos de preparação para noivos terão que ter sempre em mira o lar e a família.

Os mais antigos tratados de educação já insistiam na tese, hoje comprovada, de que os primeiros anos da infância decidem o futuro do homem. Psicólogos e pedagogos modernos concordam que, antes de a razão ser capaz de formular juízos críticos, já a psique é extremamente influenciável e receptiva. Com a condição, acentuam eles, de que a aprendizagem esteja toda ela banhada na atmosfera de amor pessoal e intensivo. O que mais fundo penetra na vida do homem é aquilo que entra pelo coração e é alimentado pelo carinho.

Quanto importa, pois, que as concepções de vida e própria religiosidade familiar sejam sadias e amadurecidas: Só a PERSONALIDADE cativa, orientada, enriquece e chega a plasmar outra personalidade. Aprendemos mais pela admiração, observação pessoal e convivência, do que por fórmulas douradas e princípios intelectuais.

Se conseguíssemos fazer chegar às famílias a convicção de que delas depende o futuro de todos os esforços conjuntos dos homens de bem, estaríamos semeando esperanças e realidades promissoras, para um futuro bem próximo.

5. Família e Dificuldades

Os sociólogos estão a advertir-nos de que a autarquia econômica da família pertence ao passado. Nequeles tempos, o colono produziu tudo o que consumia. Isolava-se, enquanto intensificava o trabalho e o destino comuns. Hoje, as exigências de liberdade são outras. Em nossa cidade, ainda observamos um fenômeno que poderá destruir tudo o que acima vínhamos encarecendo. Mais da metade da população de São Paulo veio juntar-se à nossa cidade no decurso das duas últimas gerações. São, em geral, famílias desenraizadas, porque não contam com o apoio de pais e avós, de parentes e amigos de infância. Vivem entre estranhos, numa cidade que já de per si é estranha.

Os filhos, por sua vez, tornam-se dependentes de outros órgãos, como sejam, escola, rádio, TV, movimentos de todo gênero. A base da educação deles pode firmar-se menos na autoridade e na obediência, do que na confiança e no serviço.

Os próprios pais se descobrem vítimas de uma sociedade industrial que despersonaliza e reduz ao anonimato e ao isolamento. Assim, muitas famílias sacrificam sua originalidade e liberdade, sentem desaparecer a moral e encontram dificuldades crescentes na educação para a co-responsabilidade. Como seria bom que houvesse mais irmãos, mais primos, mais tios, e outros parentes a formar e garantir um contexto social favorável à educação:

Desapareceu, de fato, o que os sociólogos chamam de relacionamento primário, profundo e afetivo, para entrar em lugar dele o relacionamento apenas secundário, incapaz de imprimir seriedade e profundidade na apreciação de valores.

Como estranhar, então, que esta família isolada, e estes indivíduos sem raízes, se exponham ao divórcio, ao jogo, ao alcoolismo, aos tranquilizantes e entorpecentes

Luta-se apenas por sobreviver, mesmo que seja artificialmente, e afoga-se assim aquele desejo íntimo de viver em plenitude, segundo as normas da natureza humana e do destino superior.

Se, por um lado, o trabalho remunerado de muitos membros da família garante um nível de

vida mais humano, por outro lado, desaparece o amor, que se alimenta de pequenos e grandes serviços, sem cálculos nem compensações no calor do lar. Sacrificamos tanto tempo, saúde e nervos, para ganharmos o necessário, e já nos sobram tão poucas condições para vivermos do mais necessário, que é a distribuição de nossos dons pessoais. Se, por um lado, se torna sempre mais imperioso, que todos participem no sustento da família, por outro lado, parece difícil que esta participação generosa se realize de maneira pessoal, aprofundando sentimentos e conquistando a paz harmoniosa, da qual ninguém se pode excluir. A sociedade moderna é dominada por forças tão irracionais, que muitas vezes a família se vê angustiada, quando não desarvorada e à beira da destruição.

6. Mobilização de Todas as Forças, em Favor da Família

Foi providencial que em nossos tempos surgissem tantos e tão promissores movimentos em favor da família. Sentimos-lhes a importância, e a ação em nossa cidade. Difícil dizermos, hoje, o quanto já contribuíram e estão contribuindo para criar a nova imagem da família, destinada a renovar também a sociedade. Pedimos aos responsáveis pela nossa pastoral que deem apoio e assistência a todos estes movimentos, pondo à disposição deles os recursos sempre novos da evangelização, da catequese, da liturgia e da promoção humana.

Convidamos, em especial, os movimentos leigos, reunidos na CAMAL, a tomarem a família como centro de suas reflexões comuns e de seus planejamentos.

Sabemos que os nossos colégios e demais institutos de educação concentram atualmente suas atenções sobre a vivência da fé nas famílias. Onde, no entanto, ainda não existirem a Associação de Pais e Mestres e a Escola de Pais, é preciso que se preparem, quanto antes, condições para que possam funcionar com eficiência, alargando e aprofundando continuamente sua esfera de ação.

É imprescindível que a comunidade paroquial, chamada Família de Deus em marcha para o Pai, tome a família humana como motivo primeiro e instrumento mais eficiente de sua ação pastoral. Assim mesmo, seria pouco. Os que exercem influência sobre os meios de comunicação social, sobre associações filantrópicas e beneficentes saberão despertar sempre novos temas e novos agentes de educação em favor da família. Ou lutamos todos unidos, ou perecerá aquilo que nos une a todos que é a Família. Onde houver algum lampejo de idealismo ou solidarismo, aí deverá focalizar-se a instituição básica para a sobrevivência e o aperfeiçoamento humano.

Não estamos em terreno exclusivamente religioso, antes focalizamos um bem reconhecido por todos os homens que vêem mais do que a si próprios e se sabem responsáveis pelo destino comum.

Que o início do ano de 1971 nos leve a compreender os valores essenciais da vida: entre estes, figura, sem sombra de dúvida, a Família, abençoada por Deus, santificada por Cristo e simbolizada pela Sua Igreja.

Uma vez que a Família que reza unida se conserva unida, rezemos, num só coração, e numa só alma, ao Pai de todas as famílias da Terra."

44
MATERNIDADE ✓

Ser mãe continua sendo o ideal da imensa maioria das mulheres. Hoje em dia, elas vão tomando consciência de que a maternidade é algo mais que gerar. É educar, isto é, acompanhar o filho da concepção à maturidade, moldando-lhe a personalidade, transfundindo-lhe bons princípios, preparando-o para a vida. Nenhum mestre substitui os pais, como nenhuma escola substitui o lar.

Dia da Mulher



Foi comemorado pela primeira vez no Brasil, o DIA DA MULHER, a 30 de abril. Falando sobre a efeméride, a sr. Romy Medeiros Fonseca, Presidente do Conselho Nacional de Mulheres, declarou que o importante é "fazer a mulher presente na vida pública do país, compreender que sua finalidade não é ser só jovem e bonita, mas conquistar a felicidade pelo lar, pela educação e pelo trabalho." Segundo ela, soou a hora de "confraternizar a mulher de todas as classes sociais e conscientizá-la a respeito de suas obrigações no mundo moderno."

MULHER E MÃE



Ainda em clima de celebração do DIA DAS MÃES, nesta edição d'O SÃO PAULO, o leitor poderá encontrar o texto de importante alocução do Arcebispo de São Paulo, dedicada à mulher e à maternidade. O lugar que ela ocupa na história da salvação, na história da Pátria e na vida da Igreja, é o aspecto do problema aprofundado por Dom Paulo Evaristo Arns, na página 5.

ENCONTRO COM O PASTOR

A Mulher e a Maternidade na História da Salvação e na História Pátria



Nas vésperas do Dia das Mães, falando pela Rádio Nove de Julho, da Fundação Metropolitana Paulista, Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de S. Paulo, mostrou o lugar que a mulher ocupa na Sagrada Escritura, na vida da Igreja e na história pátria, especialmente pela maternidade. Eis o texto integral da mensagem de S. Exeia.:

"Meus Amigos, Católicos, Cristãos, Homens que procuram a Deus, e que seguem a sua consciência na busca da Verdade e do Bem,

Boa Tarde!

Tanto o mês de maio quanto toda a atmosfera comercial, afetiva e religiosa transformou o Dia das Mães num centro de preocupações e de realizações. De fato, ninguém de nós teria coragem de diminuir o sentido desta celebração. Antes, estamos todos à busca de uma autenticidade, de uma verdade.

Quem ainda possui a graça inestimável de uma mãe viva e operante, concentra o afeto do ano nesta expressão, sempre viva e sempre nova, de celebrar a pessoa que lhe deu a vida e que continua a nutri-la, em tantos planos da existência. Mesmo os que não possuem mais a mãe sobre a terra, sabem-se inteiramente ligados a ela, que a eternidade, neste dia, chega a ser antecipada; e a fé, chega a proporcionar-nos uma convivência de toda a família com aquela criatura que nos prepara nova morada, que acolherá definitivamente junto a Deus aqueles que uma vez estiveram unidos na Terra.

De certa forma, a Mãe chega a tornar-se o centro da História para todos os que crêem em valores duráveis e não apenas numa geração, como ato passageiro.

A PALAVRA DE DEUS E A MÃE

Pela maternidade, a mulher entra na história da vida e acorda um laço muito estreito entre duas pessoas e entre gerações que se seguem. É por isso que o dever de seguir as orientações da Mãe reaparecem como uma constante nos Salmos e nos livros Sapienciais.

Com a vinda de Cristo, o relacionamento dos filhos com a mãe chega à perfeição. Transforma-se em piedade. É isso que ensinavam os apóstolos. É isso que São Paulo exprime, com decisão, nas Epístolas aos Colossenses (3.20s) e Efésios (6.1-4).

Jesus, que teve um relacionamento inimitável com sua mãe, apresenta-a diversas vezes em público, para proporcionar a todas as gerações uma reflexão sobre a missão profunda de ser Mãe. Reparem nas Bodas de Caná: quando Maria, sua Mãe, lhe diz que falta vinho, Jesus parece não atendê-la, dizendo que ainda não é chegada a sua hora.

Mas, é justamente aí que Ele exprime a verdade mais profunda. Não é chegada a hora do ministério público, quer dizer, ainda não é chegada a hora da cruz (Jo 2-4). Quem está habituado a meditar sobre a Bíblia, descobre aí, no coração da Mãe a fé profunda: é aquela que escuta a Palavra de Deus e a põe em prática. É aquela que participa na vida do Filho, que não nascem apenas do amor dela ou da vontade do homem, mas, que brotam do mais profundo de todo o amor, que é o desígnio de Deus.

O Filho cumprirá, junto com a Mãe, o seu papel na História da Salvação.

A MULHER, NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Só Deus possui a plenitude da vida. Por isso, o Povo que se liga a Ele por uma Aliança Lhe atribui o título de Pai e de Mãe. Parece até insistir na qualidade de Mãe (Is 66,13; 49,15). Deus se dirige aos filhos no tom e com as imagens que só a mãe sabe descobrir (Prov 8,9). Recomenda a eles as instruções. Nutre-os com a inteligência, mata-lhes a sede com a água fresca e saborosa (Ecl 15,2s). Jesus chega a retomar essas imagens, quando diz, a respeito de si próprio: "Quem vem a mim, não terá fome. Quem crê em mim, jamais terá sede".

Por isso mesmo, a Igreja será sempre a Mãe dos que crêem e ela terá que desempenhar todas as funções que o próprio Deus, presente na História, realiza em favor dos homens. A Mãe de Jesus anunciada em toda a Bíblia, desde o Gênesis e os Profetas, ensina a esta o que é que ela deve fazer, transmitindo vida e fé, acompanhando a todos através da existência terrena e conduzindo-os para a vida sem fim.

No Dia das Mães, os homens poderiam e deveriam voltar às coisas essenciais, e recomeçar a existência com novo entusiasmo e com ideais bem concretos de bondade, verdade, fraternidade e paz.

A MÃE, NO BRASIL, E EM SÃO PAULO

Poucas civilizações como a nossa têm confiado no valor e no poder da Mãe. Poucas civilizações também têm conseguido criar clima de hospitalidade e de afetividade como aquela que existe entre nós.

Quantas vezes já fizemos a experiência: Quem responde pela Família entre nós, é em primeiro lugar, a Mãe. Nunca nos esqueceremos de um episódio que se deu conosco, no interior de Minas. Durante as Missões, o Vigário nos incumbiu de submeter as crianças e os jovens a um exame, para ver se estavam preparadas para receberem os sacramentos. Um dia, chega-nos um menino, de seus sete anos, quem sabe. Conversando com ele, descobrimos que dentro de toda a espontaneidade ele assimilava princípios profundos de fé e de convivência. Perguntando-lhe se sabia rezar o Pai Nosso, ele se levantou da cadeirinha, colocou-se em pé, numa atitude de oração, e não recitou apenas o Pai Nosso, mas o rezou de tal forma que as demais crianças em torno também se levantaram para participar nesta mesma oração. Quando descobrimos que os conhecimentos dele e a orientação prática para a vida iam muito além do que esperávamos, perguntamos-lhe: "Quem foi que ensinou tudo isto para Você?" O menino, então, todo admirado, com acento mineiro, nos disse: "Uai, Padre, foi mamãe". Por anos a fio o lugar onde ele morava vinha sendo visitado, muito raras vezes, por um sacerdote. Mas a mãe, mineira, como nossas mães corajosas de São Paulo, soubera transmitir-lhe a fé, ligando-a a todo o contexto da existência.

Quanto cuidado não tem a família brasileira e paulista com relação à educação das moças! Por vezes, chegam a dizer os sociólogos, ou outros entendidos, que ao rapaz tudo permitem, enquanto a menina e a moça são encarregadas desde a mais tenra idade, a conservar e transmitir os princípios da moral e da vida cristã. Exagero, assim pensam alguns. Insistência na missão da mulher, acham outros. A verdade é que ao longo de nossa História sem padres e sem igrejas, conservou-se a consciência cristã e preparou-se — através da mãe — uma mentalidade de ternura, sacrifício, doação e esperança. Se fôssemos escrever um hino à índole brasileira, este hino se transformaria no reconhecimento da alma de nossas mães brasileiras.

Nossa originalidade, no entanto, talvez ainda se situe em outro plano: Pelo próprio desenvolvimento do Brasil, e em particular, de São Paulo as mães foram obrigadas a assumirem a administração de bens. Os homens muitas vezes ausentes por mais tempo confiavam às suas esposas tudo o que existia na casa e em torno dela. Seria exagero falar-mos em cultura matriarcal, mas, é certamente uma explicação para o fenômeno de que os empregados e até mesmo os escravos se sentiam tão ligados à família, que preferiam condições materiais menos favoráveis para continuarem ligados à grande família, cujo centro era a Mãe. E esta mesma mãe não apenas os tratava como filhos, mas, chegava a dar-lhes o nome de filhos e sua herança de bondade, compreensão e perdão.

Esta mesma atitude marcou o início de nossa era industrial. A mãe estava no meio das máquinas, providenciava os cafés e sanduíches, informava-se sobre a saúde e as condições da família, humanizando o relacionamento que a máquina e o ferro tentavam endurecer. Muitas de nossas indústrias cresceram, sem perder o caráter familiar e sem acentuar o contraste entre classes, porque havia um coração em meio a tantas dificuldades da vida.

Seria interessante, levantar-se uma estatística em nossa cidade, para verificar onde as mães continuam presentes, apesar do desenvolvimento da tecnologia e da produção sempre mais controlada e racionalizada. Quem sabe, destes dados, pudéssemos partir para uma humanização e para uma era pós-industrial de co-participação progressiva e cordial.

Abriu-se, em nosso tempo, um campo quase ilimitado à ação educativa da mulher. Ao visitarmos centenas de escolas primárias de São Paulo, verificamos o que já tínhamos ouvido de muitas mães e de muitos pais, e que já tínhamos lido nos rostos das próprias crianças: A mãe ou a senhora que se transformou em professora de primário, tornou-se, de fato, mãe para as crianças que ingressam progressivamente na sociedade. Acompanhando o desenvolvimento destas mesmas crianças, sobretudo nas áreas da periferia da cidade, constatamos que as crianças nascem, crescem e se desenvolvem, alimentadas pela professora, e que está, sem grandes remunerações, mas com imensos sacrifícios, assume a posição da mãe e ao mesmo tempo, da sociedade que acolhe os novos cidadãos. Que o Dia das Mães seja também o grande dia da nossa Professora, mas, que ela saiba, antes de tudo, que a sociedade há de tornar-se melhor, graças à ação feminina, sempre cercada de carinho e de doação.

Queremos crer que estamos apenas na primeira fase importante da participação da mulher na formação dos homens públicos. Ela, como mãe, daqui a pouco, há de transformar as tensões em soluções fecundas. Há de transformar um arsenal de guerra mundial em pão para famintos e em remédio para doentes. Há de transformar a competição das áreas produtivas numa co-participação progressiva de todos. Afinal, há de educar-nos, a nós, para o tempo da Paz e da integração total.

Perdoem-nos as mães, que tenhamos permitido, até hoje, um excessivo desgaste de suas forças físicas e psíquicas dentro do lar e fora dele. Mas, convençam-se, ao mesmo tempo, que este desgaste se transformou em novo amor em favor dos homens todos. Se Deus é Mãe e Pai ao mesmo tempo, é porque deseja a harmonia total, numa comunidade pela qual entregou seu próprio Filho.

Se, no Dia das Mães, assumíssemos todos a corresponsabilidade na preparação da mulher para as suas funções sempre novas e sempre mais amplas na orientação da sociedade, teríamos dado verdadeiro sentido a este 2.º domingo de maio.

O Concílio Ecumênico parece exprimir o anseio profundo da Humanidade, quando diz: "Antes de tudo, deve-se organizar de tal maneira a educação dos jovens, seja qual for sua origem social, que surjam homens e mulheres não somente cultos, mas também de personalidade forte, como o exigem urgentemente os nossos tempos". (G. Sp. 31)

MATERNIDADE ESPIRITUAL

No final de nossas considerações não podemos esquecer que o próprio Deus fala numa maternidade de que pode ser mais ampla e mais profunda até do que a maternidade física. São muitas as mulheres que, em nossa Pátria e em nossa Arquidiocese, canalizam todos os seus dons femininos e toda a força de seu ser em favor das comunidades humanas. Nas mais diversas profissões encontram-se essas almas generosas, doando-se, por uma maternidade espiritual, quase insubstituível, aos homens, que necessitam desta ternura e bondade, para desabrocharem totalmente dentro da existência. Pensamos nas Irmãs de caridade e em outras formas de consagração, que exprimem o mais profundo, sentido religioso e humanitário, e ao mesmo tempo, indicam o alto grau de civilização que alcançamos. Se ninguém no dia de hoje lhes trouxer uma flor, saibam que os altares em que se oferece o Sacrifício que une os homens todos e os une a Deus estão cobertos de flores para elas, e para todas as jovens que quiserem segui-las. Confiamos no mundo de amanhã, porque confiamos na mulher consagrada e devotada de hoje.

Que Deus escute as nossas preces em favor da Mãe. Que este pedido que agora lhe dirigimos conceda saúde e felicidade a todas as mães e realize, nesta Terra, os seus sonhos de amor.

PAI NOSSO...

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*

Data 05/07/71

Pág. —

Página n.º

N.º do recorte

Guarujá: o sentimento da caridade

A "Perla do Atlântico", como é chamado Guarujá, não é formada somente por palacetes suntuosos e apartamentos de luxo. A ilha, procurada por grande parte da sociedade paulista durante o verão, abriga 80.000 pessoas, que vivem de salário mínimo.

É para esta população necessitada que o padre Domenico Rangoni paroco da Igreja de Guarujá, dedica há 17 anos, todo o seu tempo. "Quando cheguei, nem igreja". Hoje, além da igreja construída, funcionam o Hospital Maternidade e Pronto Socorro "Sto. Amaro", a creche "Ninho Maternal", obras construídas, graças as doações e contatos feitos pelo paroco.

DOAÇÃO

Não é muito fácil angariar fundos para obras assistências. Mas o padre Domenico não só conseguiu isto, como também receber verbas mensais de seus doadores. Como?

"Se o padre se fecha na igreja não consegue nada. As doações são fruto de conhecimento e amizade", diz padre Domenico. As suas amizades, que têm condições econômicas suficientes para darem alguma verba, nunca se negaram a ajudar.

Duas vezes por quinzena, padre Domenico vem a São Paulo, visita seus amigos, expõe os problemas que a ilha enfrenta, mostrando as necessidades do local.

A verba maciça para suas obras assistenciais é conseguida através de doações de particulares. Contudo, não foi só deste dinheiro que o padre conseguiu construir o hospital e a creche. Promove "shows", na época da temporada de verão, com artistas famosos.

Além dos "shows", são promovidas reuniões beneficentes, na maior parte das vezes no Jequití, presididas pelas senhoras Aidé Stefano e Daisy Prado. Fora os contribuintes habituais, padre Domênico promove campanhas, como a que está sendo feita agora, para sua nova obra assistencial "Centro Social Comunitário de Guarujá", a campanha das carteiras, para a sua nova escola.

OBRAS

As preocupações do padre Domênico em termos sociais podem ser classificadas em três etapas. Devido a mortalidade infantil, cujo indi-



Trezentas crianças têm assistência gratuita no Ninho Maternal do padre domenico em Guarujá

ce era muito grande, e a falta de assistência médico-hospitalar, o padre a empreendeu a primeira de suas grandes obras: Hospital e Maternidade "Santo Amaro".

Após esta, partiu para a assistência direta às mães necessitadas e seus filhos. Para acabar com o grande número de mulheres que pediam esmolas, por não poderem trabalhar, pois tinham crianças pequenas, graças aos seus contatos conseguiu finalizar a sua segunda obra: a creche "Ninho Maternal".

Vendo que o ginásio não é suficiente para a formação de uma pessoa e sentindo a necessidade de um colégio para preparar jovens para profissão mais concreta, o padre Domênico construiu atualmente uma obra assistencial, que estará pronta no fim do ano: o "Centro Social Comunitário de Guarujá".

HOSPITAL SANTO AMARO
O Hospital Santo Amaro funciona há nove anos. Tem dois pavimentos, com capacidade para 100 leitos. Desde a sua inauguração até hoje, já foram internados 24.313 pessoas, sendo 17.271 indigentes, atendidos gratuitamente e 7.042 pagantes. Nesse período nasceram 18.019 crianças.

O deficit do hospital é de 30.000 cruzeiros. A sua manutenção é feita através de doações de particulares (arrecadação média mensal Cr\$ 12.000,00) e verbas da Prefeitura e do Estado: Cr\$... 5.000,00 cada.

O corpo médico é formado de três médicos, cinco enfermeiras especializadas, atendentes de enfermagem e serventes. Possuem duas ambulâncias. Fora da temporada, o hospital dá

vazão à procura, pois o maior atendimento é na parte da maternidade.

Durante a temporada, os acidentes são mais frequentes. Os leitos particulares, apartamentos, têm o mesmo preço que cobra a Santa Casa em São Paulo, diária Cr\$ 70,00.

Logo que o Pronto-Socorro Municipal, que está instalado no prédio do Hospital "Santo Amaro", mude de estabelecimento, pretende padre Domenico criar uma clínica especial de pediatria.

NINHO MATERNAL

O Ninho Maternal que funciona há cinco anos, abriga em regime de semi-internato, 300 crianças até sete anos. Há completa assistência, inteiramente gratuita. São dadas quatro refeições diárias (gastam mensalmente entre outros produtos alimentícios 200 quilos de macarrão), roupas e calçados, assistência médica e odontológica.

Possui a creche, jardim de infância, pré-primário e parque infantil. As salas de aulas são equipadas para a idade, e o berçário possui 300 camas, 100 pequenas e 200 grandes.

Esta assistência à criança foi feita com a finalidade de proporcionar às mães, a oportunidade de trabalhar, para manter-se, evitando a mendicância. São em sua maioria, mães solteiras, abandonadas pelo marido, separadas, com o marido doente ou preso. Devido a isto, a única exigência do padre Domenico é que as mães apresentem no ato de inscrição da criança um atestado de que estão trabalhando.

A última obra que está sendo construída pelo padre Domenico é o "Centro Social Comunitário de Guarujá", que será inaugurado "se os amigos continuarem a ajudar", em dezembro.

A obra visa preparar profissionalmente os habitantes de Guarujá, dando-lhes condições de trabalharem. Para isto, padre Domenico escolheu cursos de acordo com o mercado de trabalho em Guarujá e Santos.

Os cursos a serem ministrados são: datilografia, serviço de hotelaria, mecânica, contabilidade, secretariado, línguas (laboratório audio-visual), enfermagem do lar, corte e costura, malharia. Além disto haverá o curso supletivo de alfabetização de adultos do "Lar Maternal" para assistir mais 100 crianças, nos mesmos moldes de Ninho Maternal.

Este centro terá a finalidade de formar, conscientizar e responsabilizar. Para isto, além das professoras competentes, haverá um grupo de assistentes sociais, que manterão frequentes contatos com os alunos.

Os casos particulares não são esquecidos pelo padre Domenico, se bem que a sua opinião sobre caridade é a seguinte: caridade não é dar dinheiro ou comida para satisfazer a necessidade da hora. É criar condições para que esta pessoa possa suprir suas necessidades sempre. Assim mesmo, quando a pessoa necessitada o procura, padre Domenico houve sua história e depois manda uma assistente social ao local, para comprovar a veracidade do caso. Caso seja verdadeiro sempre é conseguida uma colocação para o pedinte.

PADRE DOMENICO-VIDA

Certa vez um jovem bolognês "cabulou a aula" e foi ao cinema. Após o filme, um grupo de missionários exibiu um filme de sua missão na África. O jovem ficou impressionado pelo tipo de vida e pela obra destes missionários e pensou: "padre assim, eu queria ser".

Foi este o início da carreira sacerdotal do padre Domenico Rangoni, padre secular, formado em teologia e filosofia em Bologna. Há 35 anos, o padre veio parar no Brasil por vontade própria e o seu amor a esta terra foi tão grande que se naturalizou brasileiro.

Presença da Mulher



Um dos sinais dos tempos é a promoção da mulher, como escreveu o Papa João XXIII em sua memorável encíclica "Mater et Magistra". Reconhecendo sua dignidade e igualdade fundamental com o homem, a Igreja incentiva a mulher a uma presença "humanizante" e enobrecedora, em todos os campos de atividade, no respeito à psicologia e características de sua marcante personalidade.



Irmã Lucia procura orientar os pais e dar às crianças compreensão para integrá-las à vida

Amparo à infância é ideal das irmãs

"Um momento de desespero pode levar uma mãe a querer abandonar seu filho. Por isso antes de aceitarmos uma criança procuramos conversar e nos entendermos com a mãe que deseja doá-lo. Meu trabalho, nestes casos, é de orientar aqueles que nos procuram para deixar seus filhos conosco", disse Irmã Lucia Pena, encarregada do setor assistencial do Dispensário Medalha Milagrosa e Creche Catarina Labouré.

Nem sempre as mães que levam seus filhos à creche têm vontade de deixá-los lá. Às vezes "o desejo de se desfazer de um filho é uma fuga, daí a necessidade de prestarmos orientação às pessoas que nos procuram", observou Irmã Lucia.

IDEAL

O ideal das 18 irmãs responsáveis pelo Dispensário e Creche é fundamentado nas diretrizes de São Vicente de Paulo, o santo fundador da ordem das irmãs que em seu plano de ação evangélica abriu escolas, creches, patronatos e uma série extensa de obras assistenciais para auxiliar a infância desamparada.

Quatrocentas e cinquenta crianças vivem na creche e recebem do Dispensário assistência médico-dentária. O Dispensário, porém, também oferece socorro e assistência gratuita aos pobres que o procuram.

A assistência moral, religiosa, médico-dentária, instrução e artesanato são fornecidos gratuitamente às crianças, sem distinção de raça, sexo, credo ou religião, seguindo dessa maneira, um dos preceitos do ideal das irmãs: "Dar à criança proteção e amparo que a leve a integrar-se na sociedade e a desenvolver-se como criatura humana, enfrentando, assim, os problemas do menor desamparado, dando-lhe segurança no futuro, onde sua condição humana mereça respeito".

Para auxiliar as irmãs no atendimento das crianças, a Creche conta com 80 moças que dividem suas tarefas entre os 85 recém-nascidos que vivem nos berçários, as 85 crianças (2 a 4 anos) do Jardim de Infância e Escola Maternal, os 54 meninos e as 221 meninas com idades que variam de 5 a 12 anos.

Quando as crianças atingem a idade (6 ou 7 anos) para frequentar o curso primário, a Creche as coloca nas escolas públicas do bairro (Ipiranga). "Elas continuam vivendo aqui, mas frequentando escolas do bairro já começam a aprender a se integrar na comunidade", explicou Irmã Lucia.

Quando atingem a idade de 12 anos, se suas famílias não quiserem, elas continuam vivendo aqui, trabalhando no auxílio de atendimento às crianças menores e frequentando o curso ginásial de uma das escolas do bairro", disse Irmã Lucia.

de volta "as crianças continuam vivendo aqui, trabalhando no auxílio de atendimento às crianças menores e frequentando o curso ginásial de uma das escolas do bairro", disse Irmã Lucia.

As vezes aparecem casais na creche que querem adotar uma delas. Quando isso ocorre "consultamos primeiro os pais, pois pode ser que, diante de uma possível adoção, queiram seu filho de volta. No caso de não acontecer isso, encaminhamos o pedido ao Juiz de Menores, pois só ele pode ou não permitir uma adoção".

Apesar da dedicação e assistência completa que a Creche procura dar às crianças, Irmã Lucia acrescentou que "é sempre importante para uma criança viver com seus pais", mesmo explicando isso a mães e pais que procuram a Creche para deixar seus filhos, "continuamos a receber, diariamente, inúmeros pedidos de internação".

FUNDAÇÃO

O Dispensário e a Creche foram fundados em 1931 em uma casa de aluguel na rua Cisplatina, por quatro irmãs Vicentinas que começaram sua missão com visitas aos pobres com a finalidade de socorrê-los, ajudá-los e trazê-los ao conhecimento da fé cristã e tentando amparar a todos que vinham buscar o conforto material, espiritual e moral.

Em 1933, mudaram-se para uma casa maior, rua Cipriano Barata, 2.028, onde estão até hoje. A mudança fez o trabalho das irmãs aumentar cada vez mais, pois sentem necessidade de construir novos pavilhões para atender maior número de pobres e crianças.

Aos poucos as irmãs conseguem, através de trabalho e doações, erguer totalmente o Dispensário e a Creche, dotando-os de ambulatório, gabinete de otorrinolaringologia, dentário, laboratório de análises, berçário, refeitório, jardim de infância, escola maternal e primária, cursos de artesanato, dormitórios etc.

Para manter sua obra assistencial as irmãs têm convênio com a Secretaria da Promoção Social e recebem donativos de particulares.

CAMPANHA

Para ajudar o Dispensário e a Creche, jovens estudantes do Curso Paulista de Maturidade do Ipiranga formaram grupo de trabalho e lançaram a campanha "seja feliz ajudando uma criança", que se iniciou esse mês e se estenderá até 4 de dezembro.

Roupas, mantimentos, leite em pó, sabonete, pasta de dentes, materiais de construção, medicamentos, brinquedos etc. são os donativos recebendo.

SEXO, GÍRIA, MODA, RELIGIÃO Mãe e Filha Trocam Idéias



Três cadeiras numa sala. Na primeira, o entrevistador de "Espaço Jovem" Noutro, a Rose, a garota, filha de Dona Cristina, que ocupava a última cadeira. Mãe e filha, num troca-idéias muito interessantes.

O Sociólogo dá um nome até que bacaninha para esta "briga": Conflito de Gerações. A psicóloga Maria José Silveira para não complicar o assunto que já é complicado, resume em duas palavras: "Questão de Mentalidade", de maneiras de pensar.

Pois bem. Espaço Jovem resolveu também minhocar sobre a questão. Ela é sempre atual, desde que existam pais e filhos, Espaço Jovem quis ver se é possível uma solução para esta briga. Rose e Dona Cristina nunca tinham conversado assim antes. É só começar.

MODA:

D. Cristina: Tenho a impressão que hoje somos mais escravos da moda. Até minha filha de seis anos precisa "andar na moda". Precisa usar maxi-sainha, pantaloninha, botinha, shortinho, sei lá o que. Para a criança é prejudicial. Escravisa desde cedo.

Meu guarda-roupa está cheio de vestidos "fora de moda". Antes se podia guardar um vestido para o ano seguinte. Só a alta sociedade se preocupava com o problema. Hoje até a empregada doméstica faz questão de "andar na moda".

EJ: É tua vez, Rose.

Rose: Olha, moda é esnobação de burguês. Capricho pra filhinha de papai. Acho que há coisas mais interessantes com que me preocupar. O negócio é a anti-moda. Cada um é dono de seu corpo. Vista-se como achar melhor, sem precisar dar satisfação a ninguém.

LINGUAGEM:

D. Cristina: Pois é. Apesar de todo meu esforço ainda não me acostumei com certas expressões que falam por aí. Engraçado, não, chamar fulano de "bicho". Eu não sou contra a gíria. Meus pais também ficavam intrigados com certas palavras que usávamos em nosso tempo. Agora, o que não me entra, e não consigo admitir é o uso constante do palavrão. Eu acho que é possível exprimir-se o que sente sem ter que apelar sempre e propositadamente para o palavrão.

ROSE: Escuta, o importante mesmo é você dar seu recado, seu plá. O que vale é a comunicação. Gramática, palavras difíceis, já viu, né. Laboras em lêdo engano, deixa pro Boko-Moko. O importante é que no recado vá algo que valha a pena ser escutado.

RELIGIÃO:

D. Cristina: Bem, sobre esta questão a velha guarda em alguns pontos dá as mãos à palmatória. Nossas manifestações de fé eram um tanto superficiais, desencarnadas; religião do faz isto, aquilo não. "Católico" e "Protestante" eram títulos de briga apenas, dois que não passavam na mesma ponte. Hoje, parece que Religião é mais compromisso, mais dia-a-dia.

EJ: E você, Rose, o que acha?

Rose: Seguinte, mano. A gente sente que quanto mais a religião se torna assunto para padre discutir ou sermonear ela se reduz a meia dúzia de obrigações. Eu sinto que quando estou tentando tirar uma colega da fossa estou fazendo religião. Entende, é bem diferente daquele negócio feito lá nas nuvens. Não dá pé uma religião feita só para anjinhos.

SEXO:

D. Cristina: No meu tempo, moça em roda de rapaz era "moça de má família". Não era "moça direita". É só um pequeno exemplo para dizer que tudo era pecado. Em matéria de sexo, a moral era muito rígida, exagerava-se demais. Talvez por isso, houve mais malícia, mais frustrações. Mas eu acho que o exagero oposto também não se justifica. A menina que para não passar por "mulher fria" permite-se todas as liberdades possíveis. Eu fico pensando às vezes, o seguinte: Se o assunto sexo hoje é uma questão aberta, porque não discutí-lo abertamente, com sinceridade e seriedade?

Rose: Ah! Vem essa de sexo. Estou até por aqui de tanto ouvir falar. Só digo uma coisa: Essa onda barata em torno de "amor livre" é deturpação, é desculpa. A palavra amor está tão malhada, coitada. Mas acho também que a pornografia, a super-erotização de hoje é consequência de uma tremenda repressão, carência de orientação correta no passado.

LIBERDADE:

D. Cristina: É justamente neste ponto que se manifesta toda a problemática entre pais e filhos. As palavras compreensão, confiança, perdão parecem gastas. Eu ainda não tive coragem. Sinto porém, que muitas vezes teria que pedir desculpas a meus filhos. O ideal seria que todos ajudassem a todos. Se a filha foi mal na sabatina, que todos os de casa a ajudassem a tirar melhores notas no mês seguinte.

Rose: O assunto não sé sopa. Para abreviar vai só um pedido. Que os pais não sejam tão ciosos de sua autoridade. É bem bacana quando eles são mais amigos e menos chefes. Que dessem menos conselhos e participassem mais dos problemas dos filhos. Quanto a nós, bom, que tentássemos fazer de nossa casa um lar e não um hotel onde se vai apenas para comer e dormir. Falei. Mas acho que a gente saiu um pouco do assunto.

Espaço Jovem: Tem problema não?

A conversa foi um pouco mais longe. O essencial está aí. Evitamos de propósito entrar no mérito das respostas, comentários. Julgue você. Quisemos apenas captar opiniões de ambos os lados. São apenas duas cabeças falando, duas opiniões, nas quais vai a subjetividade das entrevistas. O que quisemos foi ver como se comportariam mãe e filha num bate-bapo sobre temas que muitas vezes não são abordados por desconfiança. Vimos que é possível pais e filhos conversarem.

NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA D. AVELAR LEMBRA A JUVENTUDE

Valmor Bolan, sacerdote, sociólogo com estudos na Alemanha e EUA, mestre em sociologia na escola de Sociologia e política e professor em várias faculdades da Capital, traça um breve comentário sobre a conferência que D. Avelar Brandão fez no que se refere à juventude brasileira.

A ameaça à liberdade é em nossos dias um padrão internacional. Nossa civilização está nos portões do parto de um mundo novo. Nunca a busca da liberdade foi quase uma obsessão como na era contemporânea. A juventude e a geração que mais se ressentem das frustrações de uma liberdade sem paz, sem amor, sem justiça. Fala-se que os subprodutos da juventude brasileira — a grande massa juvenil marginalizada, marginalizada pelas injustiças estruturais — e privada do gozo do exercício da própria liberdade.

Isto se constitui em maior pecado que o próprio mau uso da mesma liberdade. Entretanto, temos que nenhum movimento político pode transformar estruturas sociais de longo alcance, a não ser que monte com a adesão e com a conjunção de forças livres, que sejam matriz geradora da transformação social. É por isso que, fundado em análises científicas, D. Avelar Brandão, em sua conferência na ESG, pede diálogo, comunicação para com os jovens e deles, a participação construtiva no processo de mudanças sociais da sociedade brasileira. É por isso que D. Avelar Brandão aconselha pastoral aos homens do governo: "Sejam, por favor, mais indulgentes e compreensivos, sobretudo (grifo nosso) para com os jovens".

Acreditamos no seu idealismo e no seu espírito de recuperação, para que não tenhamos a geração sacrificada pela nossa incapacidade de amá-la. Os jovens não aceitam viver dirigidos como se não tivessem capacidade de opinar". Outro ponto diz o Primaz do Brasil e Presidente do CELAM, que "a necessidade da segurança internacional pode, em face de tantas manifestações de maiores ou menores de contestação, criar uma situação de modo perigoso (...) a juventude pode explodir em acessos de violência ou então dar-se excessivamente, com graves prejuízos, ao desenvolvimento de sua capacidade criadora e construtiva".

A dramaticidade da ruptura de gerações põe diante de uma opção: ou a aceitamos o diálogo das reivindicações justas ou então teremos que suportar as investidas de subversão e agressão às estruturas sociais; ou aceitamos conduzir as energias mais construtivas, permitindo-lhes o gozo da igualdade e da participação ou então lançaremos a juventude no abismo da alienação, da "estagnação fria e da acomodação enervante", como diz o Arcebispo. É de se considerar também que esta geração nova é quase cobaia dos violentos choques do encontro de duas civilizações diferentes: a da carência e a do consumo.

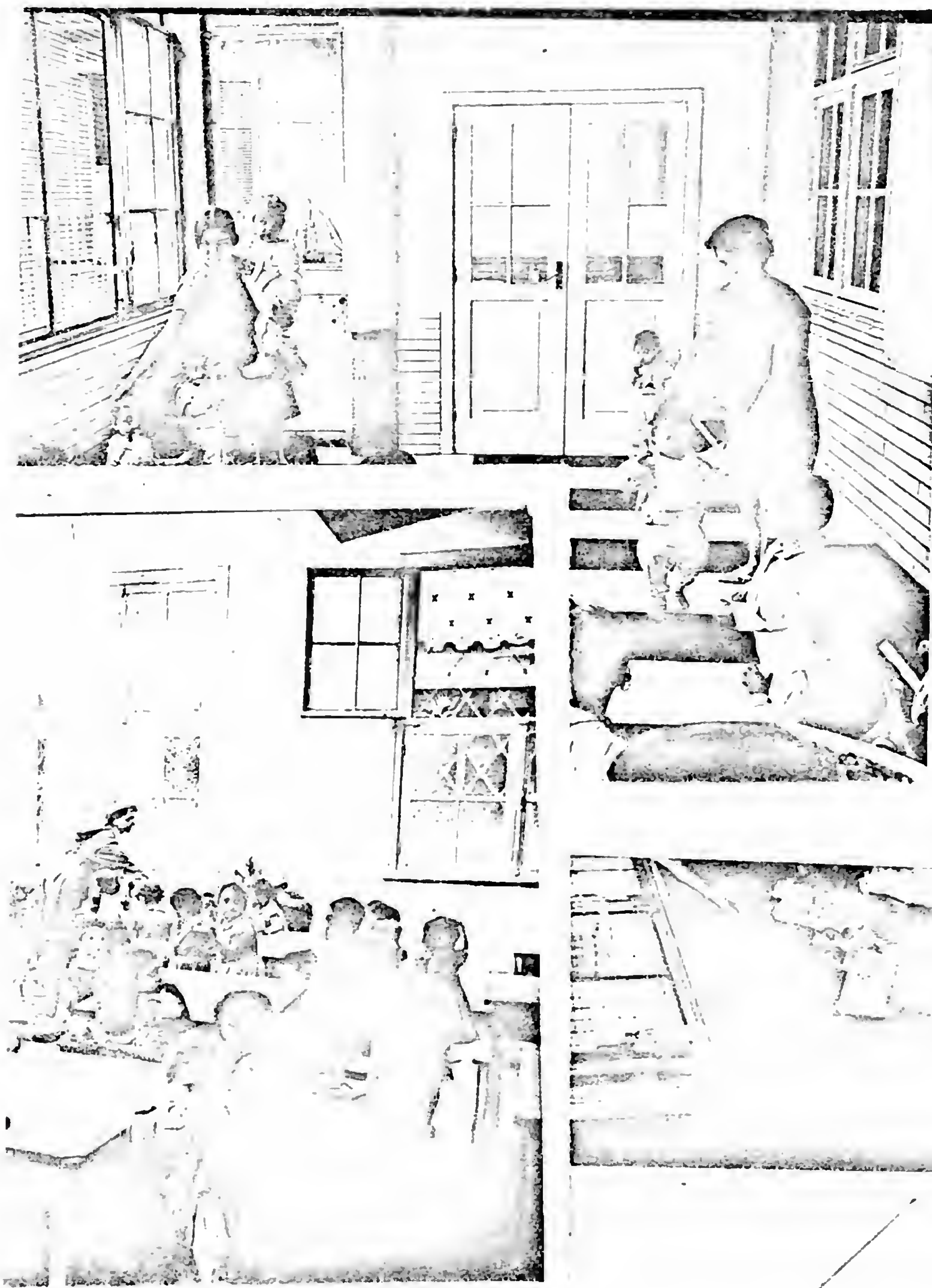
Fala-se de crise da juventude. E existe uma crise. Mas não só da juventude. Ortega y Gasset afirma: "A crise é um momento em que não muda algo no mundo, mas o mundo inteiro muda".

É a noção de autoridade que muda. A escala de valores que se transforma. O meio ambiente, o relacionamento, os sistemas sociais se transformam. As estruturas políticas e econômicas mudam. Nós não podemos nos agarrar ao passado da história. As gerações adultas devem ser uma geração de reconciliação e não de provocação e obstinação. Parece-nos que a crise da juventude brasileira é sobretudo uma expressão da hipocrisia e desfaçatez das sociedades comunista e capitalista em processo de desagregação.

Creche Catarina Tabarelli

comemora 40 anos

F/TARDE
6/10/71



Atualmente a creche abriga 450 crianças, de ambos os sexos, desde recém-nascidos até 14 anos de idade

Maria Lucia Pereira, 28 anos, é a auxiliar responsável pela lavanderia da Creche Catarina Labouré e providencia a lavagem das quatro mil peças de roupas que passam por lá diariamente. Ela está na creche desde os 6 meses, época em que foi recebida pelas Irmãs de São Vicente de São Paulo, que cuidam da casa. Quando atingiu certa idade preferiu tornar-se auxiliar, para ajudar a obra que tanto fez por ela.

Maria Lucia é apenas um exemplo das milhares de pessoas que estiveram na creche, quando eram crianças necessitadas de amparo. Hoje, muitos delas estão desempenhando funções importantes por aí fora.

ANIVERSARIO

A Creche Catarina Labouré comemora seu quadragésimo aniversário no próximo dia 17. Foi fundada em 1931 por quatro irmãs de caridade da Associação de São Vicente de Paulo, que vieram para São Paulo cuidar dos pobres. Instalaram-se no bairro do Ipiranga, onde estão até hoje, numa pequena casa de aluguel, iniciando a 17 de outubro a sua missão; visitar os pobres, socorrê-los, ajudá-los e iniciá-los na fé cristã.

A partir daí sua obra só cresceu, a começar com a inauguração de um ambulatório de higiene infantil. Em 1933, o Dispensário Medalha Milagrosa transfere-se para uma casa maior, dada a insistência de pedidos de internações, para ser iniciada a creche que levou o nome pelo qual é conhecida até hoje. Com o auxílio de doativos e com o esforço das irmãs de caridade a obra foi sendo ampliada com a construção de um pavilhão cada decênio e a instalação de vários serviços de assistência, como gabinete de otorrinolaringologia, gabinete denta-

rio, farmácia, ampliação de dormitórios, berçário e lavanderia, entre outros.

Atualmente instalado na rua Cipriano Barata, 2028, ela abriga 450 crianças, de ambos os sexos desde recém-nascidas até 14 anos de idade, em quatro pavilhões. Os meninos permanecem internados até a idade de 10 anos e as meninas até 14 anos. Geralmente são filhos de pais desconhecidos, havendo porém casos especiais de dificuldades entre casais.

Todas as crianças fazem o jardim da infância e o pré-primário na própria creche e cursam o primário em alguma escola pública das proximidades. Quando chegam à idade limite são encaminhadas para seus familiares ou para alguém que se responsabilize por elas.

São assistidas por 17 irmãs e 80 moças que trabalham sob a coordenação da Irmã Maria de Lourdes Mota.

Funciona juntamente com a creche o Dispensário Medalha Milagrosa anterior à creche, que dá assistência médico-dentária às pessoas pobres da região do Ipiranga. Cerca de 100 pessoas, diariamente, utilizam-se do serviço pré-natal, da assistência geral e pediátrica. Esse ambulatório trabalha em convênio com a Prefeitura.

Conta a Irmã Lucia Pena, responsável pelo setor assistencial, que os recursos da creche são obtidos através de convênio com a Secretaria de Promoção Social do Estado, a Secretaria do Bem-Estar Social da Prefeitura e da caridade alheia. Todo o material utilizado por elas foi doado. Ela faz um apelo a todos aqueles que possam ajudá-las, para que deem sua colaboração. Lembra que uma das grandes necessidades atuais é uma chácara para que as meninas possam ter um pouco de diversão.

E AS CRIANÇAS, COMO VÃO?

Queira Deus que o Dia da Criança — 12 de outubro — não seja, como tantas outras, uma data que a gente institui e celebra para ficar dispensado de fazer outra coisa pela criança. Que ele sirva, ao contrário, para recordar-nos, aos adultos, que nós estamos constantemente em débito com as crianças. E que temos uma pesada responsabilidade para com elas.

A Importância de Ser Criança

Em um número bastante grande de países, todo o Terceiro Mundo, uma significativa percentagem de população é constituída de crianças. Nêles, de modo todo particular, o futuro está suspenso ao cuidado que se tiver com sua infância. Nêles, mais ainda que nos outros, o investimento realmente valioso e urgente de verdade é o investimento na criança: sua saúde, sua proteção, sua educação sobretudo.

Tenho em mãos uma breve síntese das conclusões da "White House Conference on Children" que há pouco menos de um ano reuniu em Washington quatro mil personalidades americanas — médicos, psicólogos, educadores, pais, pastores, magistrados — ligados a organismos que se dedicam à infância. Transparece no relatório a angústia de homens com alguma parcela de responsabilidade por um País que tem medo de haver perdido suas crianças e se pergunta como recuperar as que estão nascendo hoje. E no entanto é um País onde são numerosas e eficientes as instituições voltadas para a infância.

Talvez seja este o problema da infância neste tempo: nunca se falou nem se escreveu tanto sobre a criança, mas também nunca se hesitou tanto sobre o modo de tratá-la. Temos de fazer muito esforço ainda para compreendê-la em nosso tempo como um ser original, não como miniatura de gente grande. Para não desfigurá-la sob a transferência indêbita de nossos próprios distúrbios, de nossos fantasmas interiores, de nossas frustrações. Para entender que a importância que ela espera que lhe demos não é a de satisfazer-lhe todos os caprichos ou evitar-lhe todos os sofrimentos — mas a de ajudá-la a ser e a vir a ser.

SOS: Crianças em Perigo!

Não é nada alentadora a lista dos perigos que ameaçam a infância nesta virada de civilização. Uma imensa geração de crianças, filhas de um século que está nascendo, enfrenta riscos sem precedentes.

O risco de crescer em um ambiente de agressividade e violência, de instintos de morte, como é o nosso. Ambiente gerado pela competição, pela luta por sobreviver.

O risco de não ter um lar organizado, sadio e equilibrado que lhe comunique plenitude afetiva e segurança. Recente estatística emanada de órgãos oficiais revelam que 72 sobre 100 crianças na América Latina nascem de uniões meramente consensuais, sem suporte legal, nem sentimental, nem religioso, fadadas a breve decomposição, sem segurança. Serão fatalmente crianças desprovidas também de segurança, carentes afetivamente, matéria fácil para toda sorte de desajustes emocionais, desordens psíquicas, problemas pedagógicos, marginalidade, delinquência infantil e juvenil etc.

O risco de absorver as sugestões altamente negativas, os antivalores que, em concorrência desleal com a Família, os meios de comunicação social e outros agentes educacionais lhe ministram diariamente.

O risco de se sentir rejeitada e punida por uma sociedade despreparada para integrar e assimilar a criança com o indispensável respeito às suas exigências, aspirações, expectativas e direitos.

O risco da desproteção. O número de menores abandonados; filhos de ninguém, é bem maior do que temos a coragem, o realismo e a humildade de admitir, em nossos países. É grande a dificuldade em atendê-los, malgrado os esforços dos governos e a boa-vontade dos particulares.

Atenção! Crianças Brincando

Os cartazes de advertência que o Departamento de Trânsito põe na proximidade das escolas e dos parques — Cuidado: Crianças! — imagino que se devam colocar também à frente e à vista de todos quantos temos alguma pequena ou grande responsabilidade na condução do mundo: "Dirija com cuidado! Crianças brincando. Crianças na estrada".

É um dever que têm todos os que orientam o mundo, de conhecerem mediante uma abordagem cada vez mais séria e mais científica de seus problemas, as exigências da criança hoje, e de lhes oferecerem uma resposta sincera e realista.

São preciosas todas as instituições que de algum modo, em todas as esferas, dedicam-se à problemática da infância: UNICEF, Comissão Família-Infância (das Organizações Internacionais Católicas), Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor.

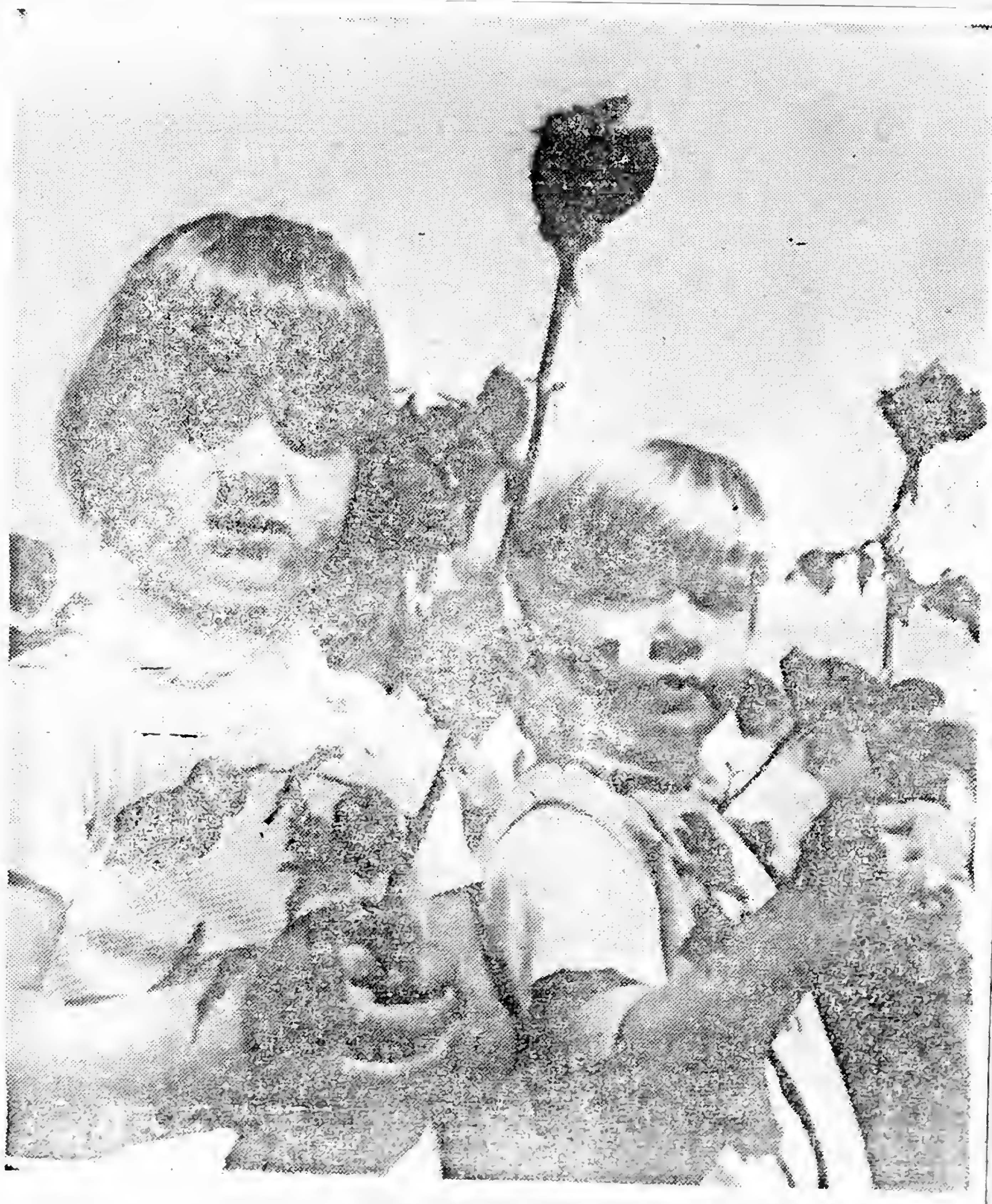
Têm imenso valor os órgãos de educação ou reeducação das crianças normais ou subnormais, ajustadas ou problemáticas: Escolas Pestalozzi, organismos da Igreja.

Nada porém substitui a Família. Esta é que é chamada a dar à criança, não somente o primeiro ambiente no qual ela começará a desabrochar biologicamente mas sobretudo o quadro humano, de afeto, confiança, proteção, liberdade no qual ela poderá crescer como pessoa autônoma, senhora de seu destino. Mais ainda: na Família é que ela se socializará adequadamente, isto é, fará o apredizado tranquilo e pleno da vida em comunidade, que lhe permitirá entrar na grande sociedade, nem sempre bastante acolhedora, sem o perigo de ver-se marginalizada.

O Dia da Criança é para nós um desafio. Ele finca em nossa consciência de adultos a pergunta essencial, que gostaríamos de escamotear: O mundo que estamos construindo é próprio para menores? É habitável para as crianças? Permite à infância apostar no futuro?

Foi um progresso termos diminuído a mortalidade infantil. Mas e agora? Somos capazes de dar às crianças razões para a vida e alegria de viver?

Dom Lucas Moreira Neves
Bispo Auxiliar e Vigário Geral



MUNDO FEMININO

SOB A RESPONSABILIDADE DE THEREZA AUGUSTA

Você é uma mulher!

A mulher livre dos nossos dias.

Alguém que, na rotina do cotidiano, se
empenha pela família e pelo trabalho.

Alguém que faz do dia-a-dia uma missão.

Seus filhos, seu marido, sua casa, Você
mesma, são a missão. E Você quer cumpri-la
muito bem, pois o faz com amor.

De Você depende que tudo saia bem.

É dêsse lar e de Você que vamos falar.

De hoje em diante, uma vez por mês, te-
mos um encontro marcado para conversar.

Falaremos dos assuntos que interessam à
mulher. Falaremos dos nossos filhos, das nos-
sas preocupações com eles, ao mesmo tempo



C 26
16/10/91
pg 5

doces e angustiantes, de como prepará-los melhor para uma geração de tantas e tais modificações. Falaremos, também, da nossa casa. De como embelezá-la com novas idéias que ao mesmo tempo serão distração para o seu tempo livre, daquela receita especial para Você "esnobbar" e, ainda, dos nossos maridos e das maneiras sutis de nos fazer amadas cada vez mais.

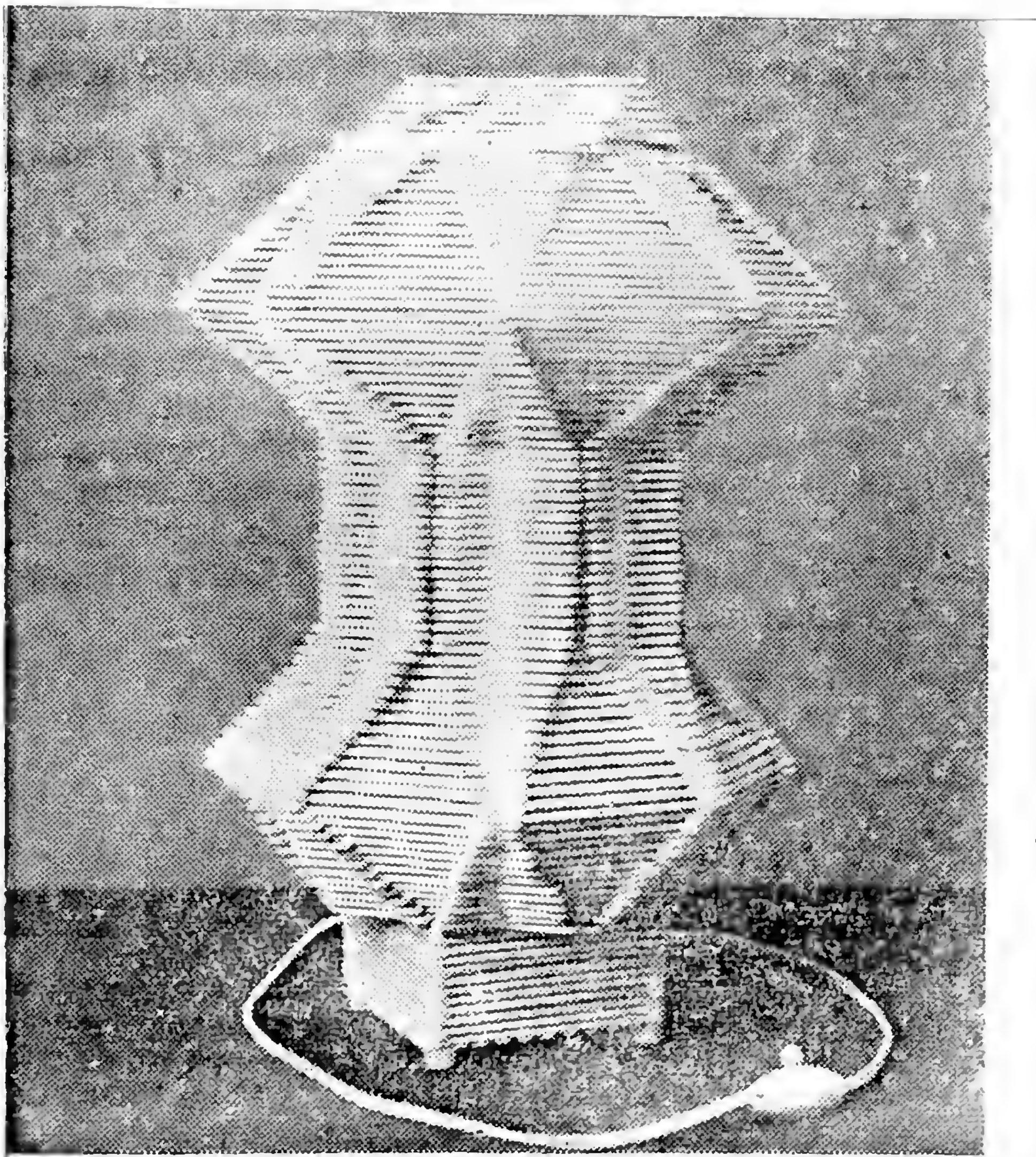
Como Você vê, é com Você e com a sua realização e felicidade que estamos preocupados.

Enfim esta página é sua!

Para Você que é mulher!

THEREZA





Aqui, Artes

Durante os momentos de folga dêste mês, que tal aproveitar para fazer este quebra-luz moderninho com palitos de sorvete?

Para isto, Você precisa apenas de 600 palitos de sorvete que Você compra em casas que fornecem material para sorveterias ou até numa sorveteria por Cr\$ 1.50. Um tubo de cola Tenaz, verniz e, é claro, "aquê" seu jeitinho.

Vamos, mãos à obra!

Inicialmente, distribua sobre a mesa onze palitos lado a lado, formando um quadrado. Cole-os com mais dois palitos que, colocados em sentido contrário nas extremidades, fixam-nos debaixo (figura 1). Para reforçar, coloque nesse sentido outros palitos, cobrindo-os debaixo. Partindo desta base, suba as quatro paredes do pé do quebra-luz, colando nos lados do quadrado dez camadas de palitos unidos pelas pontas (figura 2).

Sobre a décima camada, monte um outro quadrado que tenha as pontas de encontro das do quadrado da base, formando uma espécie de estrela de oito pontas (figura 3).

Como Você vê na figura 3, o quadrado de cima deve ter as pontas apenas encostando (nunca sobrepostas como o debaixo). Cole os palitos apenas no lugar em que os de cima se encontram com os debaixo.

Sobre essa estrela, colar mais quatro palitos, sempre obedecendo o sentido do quadrado anterior, e ainda afastando meio

palito daquele que está na mesma posição de que vai ser colado. Procedendo dessa maneira, em todas as voltas, Você vai notar que o quebra-luz começa a se abrir aumentando até que não se tenha mais espaço para colar outro palito. Continue então colando ao contrário, isto é, afastando o palito para dentro, fazendo fechar a figura até que apareça novamente a estrela inicial.

Agora Você pode subir um pouco reto ou abrir novamente e é aí que Você dá margens à sua imaginação. Asseguro-lhe que se criarão modelos novos e não menos originais que o da foto.

Para fechar o quebra-luz, monte um encaixe sobre o último quadrado por onde vai passar a tampa que Você retira na hora de trocar a lâmpada. Esta tampa você faz separado do quebra-luz.

Primeiro, monte um quadrado ôco, que tenha os palitos debaixo um pouco afastados para fora, a fim de que possa correr no encaixe que Você montou no trabalho. Depois, vá colando os outros palitos, fechando para dentro em cada volta um pouco, até que só fique um sobre o outro.

Prepare a parte elétrica e instale-a com uma lâmpada colorida.

Agora, envernize o trabalho, mostre-o a suas amigas e de hoje em diante recomende-lhes a folha feminina d'O SÃO PAULO.

THEREZA

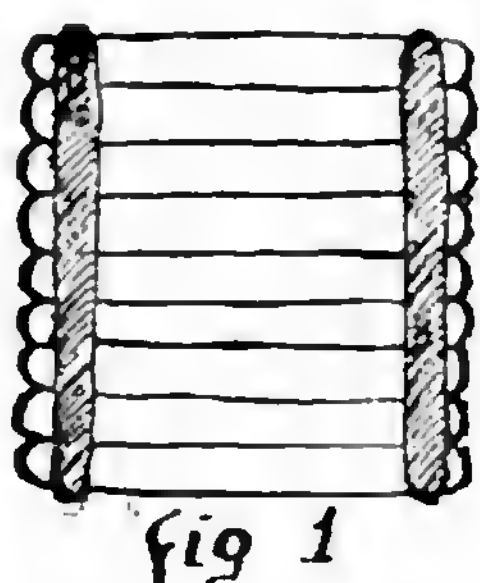


fig 1

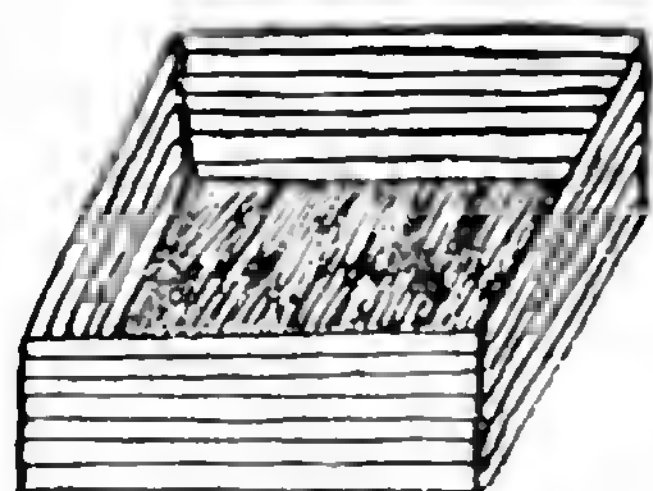


fig 2

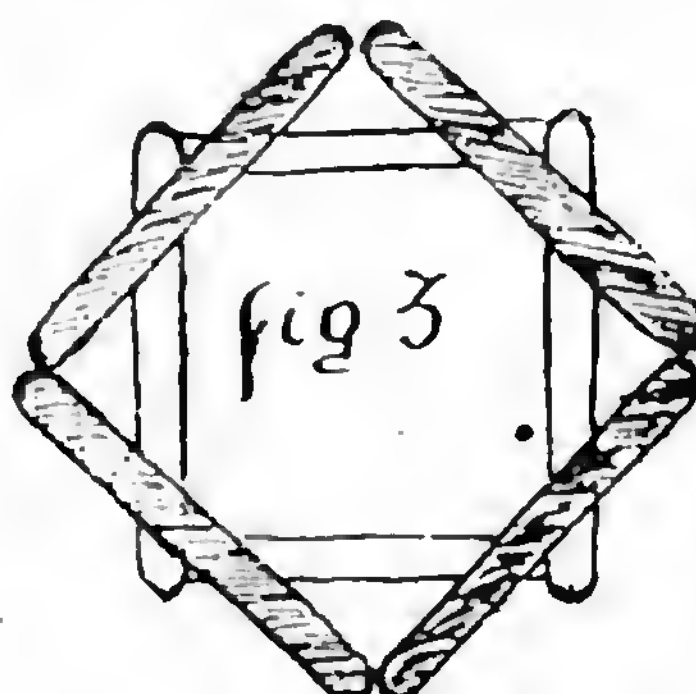


fig 3

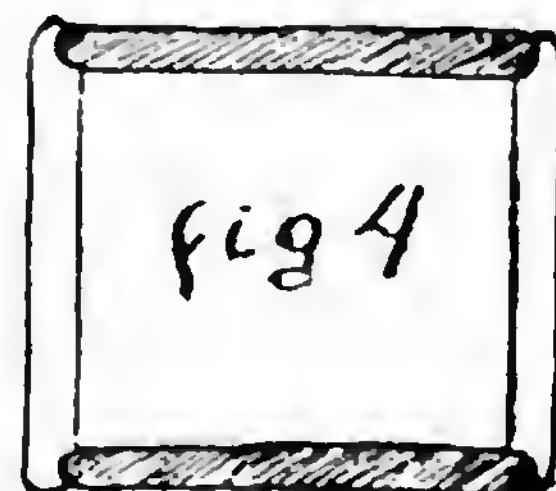


fig 4

COZINHA

Experimente para o lanche de domingo esta deliciosa

TORTA DE RICOTA

Ingredientes para a massa: duas xícaras de farinha de trigo; um pacote (dos pequenos) de margarina; uma colher de chá de fermento; dois ovos; duas colheres de açúcar; raspa de limão.

Ingredientes para o recheio: meio quilo de ricota; seis ovos; açúcar à vontade; baunilha; meia xícara de leite; uva-passa; frutas cristalizadas. Misture tudo.

Prepare a massa, batendo bem a manteiga, junte o açúcar e os ovos; misture e adicione o fermento dissolvido em leite morno. Finalmente, junte a farinha e a raspa de limão. Bata até soltar das mãos. Deixe a massa descansar por meia hora. Estenda-a, então, com o rolo. Forre o fun-

do e os lados de uma assadeira e enche-a com o recheio. Faça em cima deste recheio um gradeado com os restos da massa. Pinte com gema de ovo e leve ao forno quente para assar.

Acostume-se às receitas desta Página, pois já foram testadas e aprovadas por mim, com grande sucesso.

BATIDA DE CÔCO

Prepare para o aperitivo esta batida que, além de rápida, é deliciosa. Coloque no liquidificador uma lata de leite condensado, um vidro de leite de côco e 3/4 da garrafa de pinga. Bata e sirva bem gelada.

Você vai ter que repetir muitas vezes esta receita, tal o seu sucesso. Agora, aumente a comida, pois os apetites dobraram.

MODA



Diante de toda controvérsia que gira sobre este assunto, aqui está um resumo de que, quando e como usar nesta estação.

O comprimento é o chanel, mais social, logo abaixo dos joelhos. A mini que volta e o micro para os brotos no alto verão. Esqueça a midi! Ela caiu completamente!

Quanto às cores, as tendências são várias. Há os que vão adotar muito o estilo militar nas cores próprias: beje, marinho e verde-oliva. As estampas são descritivas como paisagens e rostos, muitas listas, flores miúdas e borboletas.

A moda para a noite é romântica com flores que se usam na cintura e ombro. A moda jovem vai ficar no short e no macaquinho.

Para os sapatos, camurça em cores bem verão: lilás, rosa, rosa e azul. As botas são estilizadas, próprias para o verão.



A mulher e o Censo

Lendo alguma coisa sobre mulheres, tirada do último censo, vieram à cabeça perguntas como estas: "Qual o lugar e a importância da mulher na sociedade de ontem?", "O que pensam delas os homens do seu tempo?", "Qual o progresso que realizamos?"

O que há escrito sobre isto geralmente deixa a gente perplexa. Há, por exemplo, coisas assim escritas sobre a mulher:

De Platão: "Os homens covardes que foram injustos durante a sua vida serão muito provavelmente, metamorfoseados em mulheres quando se reencarnarem".

De Aristóteles: "A mulher é mulher, em virtude de uma certa falta de qualidades".

Provérbio islâmico: "As mulheres são a praga de Satanás".

De Napoleão: "A natureza fez a mulher a nossa escrava". Ela pertence ao homem, como as frutas da árvore ao horticultor. É preciso poupar a fraqueza de seus cérebros, ensinar-lhes apenas o necessário para evitar uma ignorância crassa".

Gostei de saber e até me senti muito importante ao ver que estamos vencendo opiniões como estas. Pois as barreiras quanto mais difíceis de serem superadas tanto mais nos trazem prazer e realização.

Estão aí as mulheres em toda parte ombreando com os homens. E é o último censo que aponta o quanto estamos melhorando de posição na sociedade. Os resultados sobre alfabetização, por exemplo, demonstram que a mulher está realizando conquistas. Antigamente a proporção de mulheres não alfabetizadas era bem maior que a de homens. Hoje o censo mostra que a diferença é mínima e a tendência é de que as mulheres acabarão ultrapassando os homens quanto ao índice de alfabetização. Elas só estão perdendo ainda porque nas faixas de idade mais alta — reflexo do tempo em que ainda não se achava necessário dar instrução às mulheres — a diferença que as separa dos homens é muito grande. Porém, na faixa de idade mais baixa já estão à frente.

Outro fato que o censo demonstrou é que as mulheres aos poucos estão disputando e ganhando empregos e outras atividades com os homens, principalmente em tarefas que fazem apelo à psicologia feminina: professoras, secretárias, assistentes sociais, enfermeiras, pediatras.

Ainda o censo nos tranquiliza, mostrando que as mulheres não precisam temer o problema de não encontrarem um companheiro. O índice de 32% de solteiras não deve assustar a ninguém. Ele é só alto assim por causa da faixa de mulheres entre 15 e 19 anos que geralmente são ainda solteiras.

Quanto à fecundidade das mulheres, o censo investigou o seguinte: dos 27,6 milhões de mulheres com 15 anos, 61% já tem dado à luz a pelo menos um filho vivo (lembre-se de que as mulheres do interior se casam muito cedo). O censo demonstra que entre as mulheres de 15 a 19 anos apenas uma de cada oito teve um filho vivo; na faixa de 20 a 24 anos a proporção já é de quase um filho para cada mulher. No grupo de mulheres de 25 a 29 anos a proporção sobe ainda mais: 2,1 filhos por mulher. Entre os 30 a 39 anos sobe outra vez a 3,6 filhos por mulher; entre as mulheres de 50 a 69 anos a média gira em torno de 4,4. Para as mulheres com mais de 70 anos a média avaliada foi, porém, um pouco menor: 3,8 filhos para cada uma.

Como você vê mudança é bastante promissora. Você, como eu, e como todas nós, é responsável por ela.

O SÃO PAULO

INFANTIL

Declaração dos Direitos da Criança

ANO — 1948

1 — A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes serão reconhecidos a todas as crianças sem exceção alguma nem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou outra condição, seja da própria criança ou da sua família.

2 — A criança gozará de uma proteção especial e poderá dispor de oportunidades e serviços, dispensada toda ela pela Lei e por outros meios, para que possa se desenvolver física, mental, moral, espiritual e socialmente de maneira saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade. Ao se promulgarem leis com essa finalidade, a consideração fundamental a que deverá atender será o interesse maior da criança.

3 — A criança tem direito desde seu nascimento a um nome e a uma nacionalidade.

4 — A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e desenvolver-se em boa saúde; com esta finalidade, deverão ser proporcionados, tanto a ela como a sua mãe, cuidados especiais, inclusive atenção pré-natal e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar de alimentação, casa, recreio e serviços médicos adequados.

5 — A criança física ou mentalmente deficiente ou que sofra algum impedimento social deve receber o tratamento, a educação e o cuidado especial que requerer seu caso particular.

6 — A criança, para o pleno e harmonioso desenvolvimento de sua personalidade, necessita amor e compreensão. Sempre que seja possível, deverá crescer sob o amparo e responsabilidade de seus pais e, em todo caso, em um ambiente de afeto e segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, não deverá separar-se a criança de pouca idade de sua mãe. A sociedade e as autoridades públicas terão a obrigação de cuidar especialmente das crianças sem família ou que careçam de meios adequados de subsistência. Para a manutenção dos filhos de famílias numerosas convém conceder subsídios estatais ou de outra espécie.

7 — A criança tem direito a receber educação que será gratuita e obrigatória, pelo menos nas etapas elementares. Será dada uma educação que favoreça a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade e oportunidades, desenvolver suas aptidões e seu juízo individual, seu sentido de responsabilidade moral e social, para chegar a ser um membro útil à sociedade.

O interesse superior da criança deve ser o princípio orientador de quem tenha a responsabilidade de sua educação e orientação; dita responsabilidade cabe em primeiro lugar a seus pais.

A criança deve desfrutar plenamente de jogos e recreações, os quais deverão estar orientados face os fins perseguidos pela educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão por promover o gozo desse direito.

8 — A criança deve, em todas as circunstâncias, figurar entre os primeiros que recebam proteção e socorro.

9 — A criança deve ser protegida contra todas as formas de abandono, crueldade e exploração. Não será objeto de nenhum tipo de mau trato.

Não deverá se permitir à criança que trabalhe antes de uma idade mínima adequada; em nenhum caso se dedicará ou se permitirá que se dedique a ocupações ou empregos que possam prejudicar sua saúde ou educação, ou impedir seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

10 — A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra índole. Deve ser educada em um espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal, e com plena consciência de que deve consagrar suas energias e aptidões a serviço de seus semelhantes.

Cantinho Das Cartas

O SÃO PAULO INFANTIL é a seção do nosso jornal que continua recebendo mais cartas e colaborações. Pode ser que a razão esteja no fato de os adultos serem menos "falantes" que as crianças ...

Desta vez vamos destacar uma carta de uma professora e uma composição de uma menina.

FALA A PROFESSORA

"São Paulo, Outubro de 1971.
Estimado Cônego Amaury

Venho por meio desta, expressar os meus sinceros agradecimentos pela atenção dedicada aos meus "pimpolhos". Eles estão radiantes por serem os primeiros a aparecerem nas páginas do "SÃO PAULO INFANTIL".

Através dessa iniciativa magnífica, as crianças estão mais ativas e interessadas, pois dessa forma desenvolvem melhor a parte criativa.

Espera! De agora em diante as cartinhas não irão mais cessar, pois despertou o interesse geral aqui no Colégio. Dessa forma houve uma propaganda indireta, e como consequência, aumento na venda dos números. Ótimo, não?

Despeço-me com o meu muito obrigado e pedindo muitas orações para a vovó.

Sinceramente,

MARIA LÚCIA".

O DIA DA CRIANÇA VISTO POR UMA CRIANÇA

A Irmã Myriam Dapine, professora da 4.a série A do Externato Nossa Senhora Consolata, no Imirim, nos enviou, entre outras, este trabalho feito no dia 13 de outubro.

"Existem muitas datas comemorativas durante o ano, mas a que eu mais festejo é o Dia das Crianças. O meu dia!

O dia em que eu ganho presentes, principalmente na escola. Este ano ganhamos revistas, doces, um santinho e o carrinho do VIVA que vem para se montar. Mas o maior brinde foi o Show da Coca-Cola. Nêles ganhamos refrigerantes ~~graus~~ e ~~grandes~~.

Só houve para mim uma tristeza neste dia: quando eu penso que ganho guloseimas, enquanto as crianças do Paquistão dão tudo por um pedaço de pão duro. Em meio a tão grandes festejos eu rezo a Deus para que Deus as console.

Nêste ambiente festivo agradeço ao Bom Deus por ter me dado tudo o que tenho.

SUSETTE MESQUITA MOREIRA"

Jabaquara ganhará sua creche

A Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura, que busca a crescente humanização das creches municipais para dar solução ao aflitivo problema da criança cuja mãe trabalha fora, já se acha em vias de concluir a fase inicial de treinamento psico-pedagógico do pessoal de oito das 16 creches existentes em São Paulo.

"O objetivo é tornar cada creche num centro infantil, com recursos físicos e humanos, e capaz de dar a criança, de 0 a 6 anos, todas as condições de nutrição, higiene, recreação e afetividade indispensáveis ao seu desenvolvimento", afirmou Maria Cristina do Amaral, coordenadora da equipe de professores, assistentes sociais e psicólogos encarregados de implantar o Centro Infantil do Jabaquara na creche municipal da praça Whitaker Penteado.

"A creche já existe há muito tempo. O que pretendemos fazer é ampliá-la fisicamente,

atualmente, e adequá-las, em termos de recursos humanos, num trabalho de formação e desenvolvimento da criança. Para isso, a equipe está concluindo um trabalho de sensibilização do seu pessoal em relação às metas propostas pela SBES".

IGUALDADE. "Esse trabalho objetiva mostrar às pagens, cozinheiras, lavadeiras e professoras a necessidade afetiva de uma criança que não pode usufruir da presença da mãe com a desejável frequência", disse a prof.ª Cristina Kovarick, responsável pela supervisão psico-pedagógica do Centro Infantil do Jabaquara.

"Foi um trabalho comunitário em que a dinâmica de grupos e a dramatização foram utilizadas não só como técnicas de abordagem e ensino, mas também para mostrar que o grupo é responsável pelo êxito ou fracasso de qualquer empreendimento centrado na criança. O que se fez foi simplesmente dar a cada pessoa o seu justo valor, sublinhando que não há diferença alguma, em sentido humano, entre diretora e cozinheira, professora ou pagem. Num trabalho de educação, todos são responsáveis e, como tal, damos a



Muitas crianças do bairro usarão brevemente o centro infantil a ser

cada uma os necessários elementos de trabalho, através de semanas de informação e prática sobre assuntos de psicologia infantil, pedagogia, psicomotricidade, nutrição, enfermagem e iniciação artística (música, expressão corporal e das artes plásticas)".

"Nesse sentido — prosseguiu a prof.ª Cristina Kovarick — tanto as professoras quanto as pagens, cozinheiras e faxineiras estão sendo treinadas lado a lado. Afinal, o que se pretende é tornar o pessoal profissionalmente desqualificado em atuante auxiliar de educação".

HUMANIZAÇÃO. "Já se foi o tempo em que as creches constituíam um depósito a curto prazo de crianças que não tinham com quem ficar enquanto as mães saíam às ruas para trabalhar", disse Maria Estela Batissoco, assistente social. Agora, porém, a creche tornou-se uma preocupação constante dos homens públicos e dos educadores em especial, motivo pelo qual ela está passando a se constituir num recurso auxiliar da família, com vistas a completar a função da mãe".

Através do treinamento, as pagens do Centro Infantil do Jabaquara já sabem, por exemplo, que alimentar ou trocar a roupa de uma criança não deve ser um ato mecânico, e que carinho é tão importante quanto o leite que nutre um bebê.

"Em segunda etapa, é função específica do assistente social preservar, a qualquer custo, o processo de educação desenvolvido na creche", concluiu Maria Estela Batissoco. E isto se fará de casa em casa, junto de cada mãe e de cada família, para que elas possam continuá-lo no lar".

Mas o processo de humanização das creches municipais não objetiva apenas a criança e a família, apesar da prioridade com que ambas são tratadas. Ele atinge também o pessoal menos especializado dos serviços de cozinha e limpeza e as pagens, pela valorização simultânea do trabalho de equipe e de cada função em particular.



As pajens fazem o treinamento final, desenhando

Conheça as crianças através de desenhos

Avental branco sobre o uniforme listrado, touca na cabeça, longe das panelas e dos legumes, a cozinheira sorri ao ver os "slides" que Lúcia Brito projeta na parede branca. São desenhos infantís, e tanto ela quanto suas companheiras jamais poderiam supor que a desproporção e o colorido dos desenhos chegassem a retratar emoções e conflitos.

É ela mesma quem questiona a professora de iniciação artística sobre o acerto ou não de possíveis correções do desenho infantil, feitas pelos adultos: "Eu acho que, se as coisas forem assim mesmo, a gente não tem que mexer nos rabiscos dos meninos. Se não, a gente fica sem saber o que está acontecendo por dentro deles".

Cida, a faxineira, só observa, os olhos incrédulos fixos na parede. "Parece mentira que as crianças tenham desses segredos", diz ela, depois. "Mas, agora, a gente já sabe: o que elas precisam é de muito amor e esse negócio de gritar e ralar com os meninos, a toda hora, acabou".

A pajem Eulinda Pereira, por sua vez, está radiante: é a primeira vez em toda a sua vida que ela vê tanta gente preocupada em melhorar o seu trabalho. É a primeira vez que ela e suas colegas fazem composição com aquarela, sobre o chão, como se estivessem



Maria Cristina do Amaral

brincando, a alegria cobrindo de muita cor o papel amarelo e grande.

"Eu nunca vi uma coisa assim: todo mundo preocupado com a gente e falando coisas maravilhosas sobre os menininhos. Eu até já aprendi um ponto muito importante: que nunca se deve impedir a criança de desenhar. Se não, é batata: a gente vai tirar dela a força de criar as coisas boas e bonitas".

Entusiasmada, Eulinda continua sua pintura. Pela primeira vez em seus 30 anos, ela tem certeza de que é útil. Mais do que isso: ela sabe que é gente, que muitos também sabem e que, finalmente, ela também participa, com condições, da solução para um dos mais graves problemas de São Paulo.